

Batismo e confirmação nos primeiros cinco séculos da Igreja Cristã

Aproximações

Pedro Kalmbach

Resumo: O artigo propõe a adesão à proposta de devolver ao batismo a unidade tanto ritual quanto teológica que ele tinha durante os cinco primeiros séculos da Igreja cristã: lavagem batismal e imposição de mãos/unção (o que originou a confirmação), como uma unidade celebrativa e teológica que culmina com a festa da eucaristia.

Resumen: El artículo propone adherir a la propuesta de devolver al bautismo la unidad tanto ritual como teológica que tenía durante los primeros cinco siglos de la iglesia cristiana: Lavaje bautismal e imposición de manos/unción (lo cual originó a la confirmación) como una unidad celebrativa y teológica que culmina con el festejo de la eucaristía.

Abstract: The article proposes to adhere to the proposal of giving back to baptism the ritual as well as the theological unity that it had during the first 5 centuries of the Christian church: the baptismal washing and imposition of hands/unction (which led the way to confirmation) as a celebrative and theological unity which culminates in the celebration of the Eucharist.

Introdução

Uma das perguntas que me acompanham há vários anos tem a ver com o fato de que, em diversas e diferentes situações da vida comunitária em congregações da Igreja Evangélica do Rio da Prata (IERP), muitas pessoas sentem que devem ter “a casa em ordem” (estar em dia com as contribuições, não ter problemas familiares ou de outro tipo que constituam um “escândalo” para a sociedade etc.) antes de participarem regularmente das celebrações e demais atividades na congregação. Para expressá-lo em termos dogmáticos, pode-se dizer que, nestes aspectos, vivencia-se uma religiosidade de acordo com a justificação pelas obras, e não com a justificação pela fé, que é própria da teologia luterana. Vejo e sinto que esta realidade dificulta consideravelmente o trabalho pastoral e o fato de alegrar-se e saborear a gratuidade do amor de Deus que se destina a todas as pessoas, sem distinção de raça, sexo, cultura, condição social, origem, etnia, etc.

Com essa preocupação como pano de fundo, pergunto-me se a confirmação, tal como é praticada hoje em dia (como a culminação de um processo de ensino ao estilo de um ato de colação/formatura, como um rito de marcada importância social-cultural-religiosa/sacramental, que permite o acesso a determinados direitos que anteriormente eram negados) não favorece e ajuda a reforçar e multiplicar esse tipo de religiosidade (justificação pelas obras). É um fato que, para ser confirmado (= para ser membro pleno da congregação, para poder ser padrinho/madrinha, em muitos lugares para poder celebrar a ceia do Senhor, etc.), é necessário passar por uma série de requisitos. Através da confirmação, a pessoa adquire determinados direitos e deveres que anteriormente lhe eram negados. A pergunta que surge, neste ponto, tem a ver com a relação existente entre a confirmação e o batismo. Assim, por exemplo, na tradição de algumas Igrejas (IERP, IECLB), existe uma contradição na forma como vinha – e vem – se desenvolvendo a prática da confirmação. Por um lado, nega-se que se trate de um sacramento. A confirmação não vem complementar nem adicionar nada à graça dada por ocasião do batismo – o que é coerente com a tradição reformada¹. Por outro lado, a confirmação complementa ou adiciona algo ao batismo quando se constituiu no rito que transforma as pessoas em membros plenos da comunidade e lhes permite participarem da eucaristia (esta última prática está sendo revisada na IECLB). Nesse sentido, creio que a própria expressão *confirmação* é um pouco infeliz.

Não estou negando a necessidade de uma pastoral e de um trabalho

¹ Manfredo C. WACHS, *O ministério da confirmação*, p. 23.

educativo, tampouco de um rito de passagem para adolescentes. Simplesmente estou focando com um olhar crítico uma prática que tirou a centralidade do batismo na vida cristã pessoal e comunitária e que, segundo minha opinião, necessita de uma revisão profunda a partir de sua teologia e prática.

Segundo o livro *O ministério da confirmação*, o conteúdo central do currículo da confirmação deveria ser a rememoração do batismo². Em meu entender, esta proposta é sumamente interessante, já que situa a confirmação no contexto batismal, que é de onde ela se originou. Igualmente interessante e importante seria procurar, para o método e os conteúdos a serem trabalhados, uma inspiração a partir da própria prática batismal tal como se deu nos séculos em que ainda não se havia desfeito a unidade do batismo (os primeiros cinco séculos da Igreja cristã). Entenda-se como prática batismal o processo de preparação batismal (catecumenato), os ritos, os gestos e as ações pré-lavagem batismal, a própria lavagem batismal e as ações, os ritos, os gestos pós-lavagem batismal (este complexo de ritos e ações também é chamado de iniciação cristã)³. Pergunto-me, então, se a partir de um ponto de vista teológico, histórico e pastoral é conveniente falar de um método de ensino para a confirmação, ou se não seria necessário fazer alguma referência à vivência batismal. Se a idéia é ter a rememoração batismal como tema central, não seria necessário ressignificar toda essa etapa formativa e educativa?

Considerando a rememoração batismal como tema central do currículo da confirmação, também seria necessário perguntar se não se estaria esperando tempo demais para trabalhar a rememoração batismal em Igrejas onde a maioria dos batismos são batismos de crianças pequenas⁴. A rememoração batismal não deveria ser um ponto e um aspecto que, por um lado, englobam toda a tarefa educativa da Igreja e, por outro lado, constituem uma inspiração para a mesma? Igrejas que batizam crianças e infantes têm uma enorme responsabilidade pela educação e formação de seus batizados (também pelas crianças)⁵. Nesse sentido, vejo que a rememoração batismal (com toda a riqueza e complexidade que isso implica) também deveria ser o centro

2 Id. *ibid.*, p. 135-139.

3 Para um esboço histórico geral da iniciação cristã ver, p. ex., James F. WHITE, *Introdução ao culto cristão*, São Leopoldo: Sinodal, 1997. – R. A. CABIÉ, *A iniciação cristã*.

4 Considero que a prática do batismo de crianças pequenas seja sumamente válida, pois, entre outras coisas, ela visualiza que Deus está na origem da fé, do amor e da esperança. Sobre este tema, ver: Gottfried BRAKEMEIER, *Batismo e fé – sobre uma relação polêmica: réplica a Marcos Kruse. Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 41, n. 2, p. 39-58, 2001. – Gerhard BARTH, *Die Taufe in frühchristlicher Zeit*, Neukirchen-Vluy: Neukirchener, 1981, especialmente as p. 137-146.

5 H.-J. ABROMEIT, *Konfirmation und Konfirmandenunterricht*, p.1148.

do trabalho educativo que se realiza com crianças e com todas as faixas etárias.

Creio que uma análise um pouco mais detalhada do surgimento da “confirmação” a partir da prática batismal pode ajudar a entender que se trata de um tema controvertido, que merece, na minha opinião, uma profunda revisão. Para isto, proponho realizar uma aproximação crítica às p. 17-19 do livro *O ministério da confirmação*⁶, o qual, merecidamente, teve e tem uma grande difusão em nosso meio.

Sobre a Didaquê ou a Doutrina dos Doze Apóstolos (aprox. ano 100)

Na p. 17, ponto 3.1 do livro, afirma-se que a Didaquê representa a primeira elaboração de um ensino catequético sistematizado acerca do batismo, e que este ensino é desenvolvido no período da quaresma e culmina com o batismo no domingo de Páscoa⁷.

Segundo a Didaquê, não é possível saber quando foi desenvolvido o ensino (se era realizado no período que, a partir do século IV, passou a ser a quaresma, ou não)⁸. Tampouco se sabe se a doutrina dos dois caminhos (cap. 1-6 da Didaquê), que é o ensino catequético a que se refere o texto, era o único ensino que se dava antes do batismo. Georg Schöllgen assinala que, devido à ausência de referências cristológicas explícitas nesses seis capítulos, o ensino catequético batismal não se reduzia aos mesmos⁹. É por isso que, apesar de ser uma parte essencial da catequese pré-batismal, considero difícil definir a doutrina dos dois caminhos como uma catequese batismal sistematizada¹⁰.

6 Manfredo C. WACHS, op. cit., p. 17-19.

7 Nesse ponto, faz-se referência à introdução à Didaquê por Urbano ZILLES, na coleção “Fontes da catequese 1”, e a Cirilo Folch GOMES, *Antologia dos santos padres*, p. 29.

8 É importante ressaltar que a quaresma, como período de preparação para a Páscoa, surgiu e começou a ser respeitado apenas depois da época de Constantino (século IV em diante). Cf. Augusto BERGAMINI, *Cristo, festa da Igreja...*, p. 265. – Remeto também à revista TEAR: Liturgia em Revista, editada pelo Centro de Recursos Litúrgicos da Escola Superior de Teologia, n. 8, São Leopoldo, 2002. – Em geral, observa-se que a referência à quaresma como época de ensino intensivo (preparação intensiva) é própria da época pós-nicena. Na época pré-nicena, o ensino (preparação) se dava durante o catecumenato, que, segundo a Tradição Apostólica, podia durar até três anos, e durante a etapa de preparação próxima (um pouco antes do batismo, que, conforme o caso, podia ser de uma a três semanas antes do batismo, o qual normalmente era na Páscoa ou em Pentecostes).

9 Georg SCHÖLLGEN, *Didache: die Zwölf-Apostel-Lehre*, in: Georg SCHÖLLGEN, Wilhelm GEERLINGS (Eds.), *Traditio Apostolica: Apostolische Überlieferung*, p. 141-313.

10 Segundo a Epístola de Barnabé, p. ex., esta doutrina também era dada a pessoas que já tinham sido batizadas. Cf. Eugen PAUL, *Geschichte der christlichen Erziehung*, p. 43.

Sobre a lavagem batismal e dos ritos e ações pós-lavagem

Na p. 18, primeiro parágrafo do livro, fala-se de uma diferença entre Hipólito (m. em 235), Ireneu (aprox. 130-190) e Tertuliano (aprox. 160-220). Conforme o entendo, a diferença assinalada se baseia no fato de que, para Hipólito, a “confirmação” concede o Espírito Santo, mas não para Tertuliano e Ireneu. Por outro lado, para Hipólito a “confirmação” tem um caráter de admissão na comunidade como membro pleno, ao permitir a participação do neófito na oração, no ósculo comunitário e na eucaristia após o rito da “confirmação” (mas não para Tertuliano e Ireneu).

A respeito, faço as seguintes observações:

a) Em primeiro lugar, tanto em Tertuliano quanto em Hipólito, após o batismo (entendido num sentido amplo: ritos pré-lavagem, lavagem, ritos pós-lavagem) as pessoas eram recebidas pelo bispo e pela comunidade, trocavam pela primeira vez o ósculo da paz com os fiéis, participavam pela primeira vez da oração de intercessão e da eucaristia. Isso não dependia da imposição e unção (e sinal da cruz em Hipólito) pós-lavagem, e sim do batismo como um todo. Em geral, é o **batismo** que permite a participação na eucaristia, na oração da comunidade e no ósculo da paz. Isso já é assim em Justino (aprox. 100-164; Apologia I 65.2-3). Na Didaquê 9,5 afirma-se que somente as pessoas batizadas podiam participar da eucaristia. Por outro lado, uma vez separada a imposição de mãos/unção da lavagem batismal, as pessoas participavam da eucaristia e da comunidade de forma plena após a lavagem.

b) Acerca da diferença entre Hipólito e Tertuliano: Georg Kretschmar (que estudou minuciosamente o batismo durante os primeiros séculos) assinala que foi justamente Tertuliano quem manteve claramente a tradição de relacionar a recepção do Espírito Santo à imposição de mãos pós-lavagem batismal. Em Tertuliano, a lavagem batismal é claramente o banho do perdão dos pecados¹¹. Em Hipólito, a imposição de mãos se realizava com a unção da fronte e o sinal da cruz, que também é interpretado como dádiva do Espírito. A lavagem se relaciona à limpeza da pessoa de seus pecados (é por isso que deveriam entrar nus na água, p. ex.). Isso quer dizer que tanto em Hipólito quanto em Tertuliano a lavagem era entendida como perdão dos pecados e a imposição de mãos como recepção do Espírito. Para Hipólito, a imposição de mãos dá, através do Espírito, os carismas, que são aqueles meios necessá-

¹¹ *Die Geschichte des Taufgottesdienstes in der alten Kirche*, p. 105.

rios para atuar dentro da comunidade¹². As diferenças entre Tertuliano e Hipólito são sutis, mas de forma alguma – em meu entender – são assim como estão assinaladas no texto do livro. Em todo caso, vale para os dois que a imposição de mãos (ainda não se pode falar em confirmação¹³) concede o Espírito Santo (e isso significa coisas um pouco diferentes entre Hipólito e Tertuliano) e a lavagem se refere ao banho de perdão dos pecados. É por isso que, no início do rito batismal, coloca-se uma oração sobre a água (de caráter exorcístico em Hipólito; em Tertuliano, refere-se mais a uma epiclese/santificação)¹⁴. Tanto para Tertuliano quanto para Hipólito, o Espírito está atuando durante todo o rito batismal. Cada rito/celebração/gesto pretende ressaltar diferentes “efeitos” da ação do batismo (ou seja, trata-se antes de uma questão “comunicacional”).

c) Por outro lado, como assinala *O ministério...*, é importante levar em conta que o rito de imposição de mãos/unção nos primeiros quatro a cinco séculos nunca era entendido separado da lavagem batismal. Interpretava-se que o Espírito atuava durante todo o batismo e que a imposição de mãos e unção eram uma parte inseparável do batismo. Mesmo assim, para a referida época (primeiros cinco séculos), o livro fala de batismo e confirmação como duas coisas separadas. Nesse tocante, vale enfatizar novamente que o batismo era tudo: ritos pré-lavagem batismal, lavagem batismal, ritos pós-lavagem batismal. A imposição de mãos/unção pós-lavagem fazia parte do batismo, da mesma forma como a recepção da comunidade, a qual se expressava no ósculo da paz, na oração comum e na celebração da eucaristia¹⁵.

d) Para Edmund Schlink, logo no início o núcleo constitutivo do batismo (lavagem e palavras ditas sobre a pessoa) foi acompanhado por diferentes ritos (unções, imposição de mãos, Effata, sinal da cruz, renúncia, adesão, exorcismos, etc.). Estes ritos procuraram facilitar a compreensão do que

12 De forma resumida, pode-se afirmar com Kretschmar (*Die Geschichte...*, p. 105) que a lavagem, para Hipólito, já pertence ao novo (já que a lavagem é precedida por uma série de exorcismos), enquanto que, para Tertuliano, a linha divisória entre o velho e o novo se encontra entre a lavagem e a imposição de mãos. Nesse sentido, em Tertuliano a lavagem é interpretada com ênfase maior como lavação dos pecados do que em Hipólito.

13 Para Bruno Kleinheyer, seria um anacronismo histórico-litúrgico diferenciar, na Igreja Antiga, entre a celebração do batismo e a celebração da confirmação (= *Firmung*). Segundo este autor, só é possível realizar essa diferenciação a partir da decisão do papa Inocêncio I (416) de manter a celebração da confirmação como exclusividade dos bispos. Bruno KLEINHEYER, *Sakramentliche Feiern I*, p. 17, 96.

14 Ver August JILEK, *Initiationsfeier und Amt*, p. 109-113; 133-139.

15 Isso também é destacado por G. KRETSCHMAR, *Die Geschichte des Taufgottesdienstes...*; por R. BÉRAUDY, *Die christliche Initiation*; por A. JILEK, *Initiationsfeier und Amt*; Lukas VISCHER, *Die Geschichte der Konfirmation*.

significa o batismo. Eles pretendiam ressaltar e esclarecer diferentes momentos do batismo. O problema, segundo Schlink, surgiu quando estes ritos se converteram em algo constitutivo (sobretudo na Igreja ocidental). Schlink menciona, entre outros exemplos, a discussão sobre se o Espírito é outorgado pela lavagem ou pela imposição de mãos¹⁶.

É interessante lembrar que, durante os primeiros três a quatro séculos, na maioria das Igrejas do Oriente não existia um rito pós-batismal, com exceção da eucaristia (ver, p. ex., Didascália, Crisóstomo). Como destaca *O ministério...*¹⁷, essa foi uma das razões pelas quais não se rompeu a unidade da iniciação no Oriente. Quer dizer, a imposição de mãos ou unção pós-lavagem batismal como dádiva do Espírito é um rito desenvolvido na Igreja ocidental. Em alguns lugares do Oriente, houve unções pré-lavagem que significavam a dádiva do Espírito (em alguns casos, esta unção adquiriu um significado mais importante que a própria lavagem)¹⁸.

Sobre a unidade da iniciação cristã e de seus elementos

Na p. 19, primeiro parágrafo do livro, afirma-se que desde a primeira tradição cristã até o século V o batismo e a confirmação são compreendidos como iniciação cristã, formando uma unidade cujos elementos mais importantes são: o catecumenato, os ritos batismais (unção, banho de água, imposição de mãos, crisma, participação na eucaristia), a experiência celebrativa e o encontro com a comunidade (mistagogia).

Observações:

a) A mistagogia não se refere simplesmente ao encontro com a comunidade (afirmar que é o encontro com a comunidade não condiz com o seu significado). A mistagogia tem a ver com a vivência, a iniciação e compreensão dos mistérios¹⁹. Trata-se de um termo que, entre outras coisas, contém uma grande riqueza, tanto pastoral quanto pedagógica. É sumamente interes-

16 Edmund SCHLINK, *Die Lehre von der Taufe*, p. 797-800. Aqui, vale também fazer referência ao trabalho de Aidan KAVANAGH, *Batismo*. Nas p.s 32-38, Kavanagh discorre sobre o fato de que o batismo cristão tinha, na época do Novo Testamento, um forte componente pneumatológico. É por isso que, por um lado, o banho batismal abarcava, naquela época, uma realidade muito maior e complexa do que o simples ato de lavagem. Por outro lado, Kavanagh assinala a necessidade de dar maior peso e atenção às referências sobre a unção que se fazem no NT. Estas enfatizam o caráter messiânico e pneumático da adesão a Cristo que se produz no batismo.

17 Manfredo C. WACHS, op. cit., p. 19.

18 G. KRETSCHMAR, *Die Grundstruktur der Taufe*, p. 4.

19 “A mistagogia tem a ver com iniciação ao sagrado. Por analogia com a pedagogia, a palavra ‘mistagogia’ significa levar o iniciado para dentro do mistério”. David REGAN, *Experiência cristã*, p. 25. Cf. também p. 81-92.

sante como se trabalha nas catequeses mistagógicas de Cirilo (João?)²⁰ de Jerusalém (m. em 386) e de Ambrósio (m. em 397). Creio que a mistagogia pode ser um importante impulso e conceito para desenvolver uma “pedagogia do ensino ‘confirmatório’”. Destaco isto aqui sem entrar em maiores detalhes, devido a questões de espaço.

b) Falar em confirmação e batismo como iniciação cristã para os primeiros cinco séculos da Igreja cristã é complicado, a partir do que foi assinalado aqui. O próprio livro *O ministério...* destaca que apenas no ano de 441, durante o Concílio de Orange, consolidou-se e instituiu-se oficialmente o termo latino *confirmatio*²¹. A iniciação cristã na Igreja ocidental consistia dos ritos pré-lavagem citados – aos quais devem ser acrescentados necessariamente os exorcismos, a renúncia, a adesão, a *traditio* e *redditio symboli* –, da lavagem batismal e dos ritos pós-lavagem, a partir dos quais, no decorrer do tempo, desenvolveu-se a confirmação.

Sobre a ruptura da iniciação cristã

Na p. 19, segundo parágrafo do livro, menciona-se brevemente como se deu a ruptura da iniciação cristã. Como causas se indicam: a) a conversão em massa; b) a generalização do batismo de crianças; c) o fato de presbíteros terem começado a assumir funções sacramentais, como o batismo de crianças, reservadas anteriormente ao bispo.

Com respeito ao ponto c), vale a seguinte observação: segundo a Tradição Apostólica²², os presbíteros e os diáconos participavam da celebração batismal. Para a Igreja ocidental, a partir do fim do século II e do início do século III, a pessoa que normalmente coordenava o batismo era o bispo. Para algumas regiões do Oriente, podia ser um presbítero. No momento em que aumentaram os batismos (por causa da grande afluência de pessoas), cada vez mais os presbíteros começaram a assumir a função de administrar o batismo. A maioria dos batismos era realizada em datas fixas (Páscoa, Pentecostes, p. ex.). Isso impossibilitava a presença de um bispo em todas as comunidades onde se batizava. Para manterem um certo controle e não perderem parte de seus direitos, os bispos exigiram a consignação (imposição de mãos, unção, sinal da cruz) para si. É o caso do papa Inocêncio I (416), que

20 Existem controvérsias sobre a autoria das catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém.

21 Manfredo C. WACHS, op. cit., p. 16.

22 Aproximadamente do ano de 215; mas, segundo alguns autores, reflete uma prática exercida por volta do ano de 170; cf. A. JILEK, op. cit., p. 295; A. NOCENT, *Pré-história e primeiros estágios da iniciação...*, p. 32; Paul F. BRADSHAW, *The Search for the Origins of Christian Worship...*, p. 175-176.

apresentou expressamente esta reivindicação²³. Desta maneira, este rito foi se separando da lavagem batismal, pois era realizado em outro momento, na presença de um bispo ou pelo menos com óleo consagrado pelo bispo²⁴. No Oriente, não se deu este desenvolvimento, devido ao fato de que ali não havia problemas de esse rito ser celebrado por um presbítero.

No ponto c), ao invés de falar em “assumir, por parte dos presbíteros, funções que antes somente podiam ser realizadas pelo bispo”, poder-se-ia destacar que os bispos exigiram a consignação para si. Isto fez com que a lavagem batismal e os demais ritos também fossem realizados por presbíteros, enquanto a imposição de mãos/unção se manteve sob o controle dos bispos. Com isso, a partir de meu ponto de vista, fica claro que a ruptura da unidade também se deu por questões de autoridade e controle. Para Georg Kretschmar, existiram, além disso, razões teológicas que ocasionaram essa ruptura. Estas tiveram a ver, fundamentalmente, com a interpretação do batismo, a qual difere entre a época pré-nicena e pós-nicena²⁵.

Últimas observações

O desenvolvimento da ruptura da unidade do batismo, que desembocou na confirmação como um rito e um sacramento separado do próprio batismo, é um processo complexo. Considero importante, tal como assinala o livro, ressaltar que ele se refere ao desenvolvimento que se produziu fortemente na Igreja ocidental. Por outro lado, creio que é um desafio investigar um pouco mais este processo com relação aos jogos de poder ocorridos no próprio desenvolvimento da estruturação da hierarquia ministerial.

Vale lembrar que a estruturação da hierarquia ministerial e o poder detido pelos bispos são, segundo A. von Harnack, uma das razões que fizeram com que não existisse um ministério catequético/docente ou dos mestres, do tipo dos presbíteros e diáconos²⁶. As tensões entre o bispo de Ale-

23 Cf. Bruno KLEINHEYER, *Sakramentliche Feien I*, p. 96; Christian GRETHLEIN, *Die Taufe im Gemeindeleben*, p. 19; R. CABIÉ, *A iniciação cristã*, p. 60; R. BÉRAUDY, *Die christliche Initiation*, p. 91.

24 G. KRETSCHMAR, *op. cit.*, p. 264-268.

25 O fato de se passar da compreensão do batismo como perdão dos pecados e dom do Espírito Santo, própria do Ocidente pré-niceno, a compreendê-lo como novo nascimento em água e Espírito (segundo Jo 3) dificultou que se mantivesse um segundo rito do Espírito na celebração batismal. *Id. ibid.*, p. 266-267.

26 Numa obra do ano de 1925, sumamente rica em informações e valiosa por trabalhar minuciosamente com fontes primárias, Adolf von Harnack descreve a evolução que sofreram o *status* e a função dos mestres nas comunidades cristãs durante os três primeiros séculos desta era. Harnack afirma que houve um processo que levou à exclusão da participação dos mestres dos cultos, que esse processo não permitiu que se consolidasse um ministério docente do tipo dos presbíteros e diáconos, e que a função docente foi assumida por parte dos bispos, presbíteros e diáconos. Adolf

xandria, Demétrio, e Orígenes são um exemplo disto. Neste sentido, creio ser necessário colocar sob a “lupa da suspeita” ritos, costumes, sacramentos, etc. que surgem – entre outras coisas – como resultado de interesses de poder e controle por parte da hierarquia.

Considero necessário insistir que, ao falar sobre a confirmação nos primeiros cinco séculos da Igreja cristã, corre-se o perigo de retroprojetar o significado do termo *confirmação*, tal como o conhecemos hoje, para aquela época²⁷. O mesmo risco se corre ao falar sobre o batismo. Nesse sentido, não é demais assinalar novamente que não se pode falar de confirmação pelo menos até o século IV²⁸. Existia a imposição de mãos/unção/sinal da cruz numa combinação por vezes complicada. Este rito, durante esses quatro primeiros séculos, formava uma unidade teológica com a lavagem. Imposição de mãos/unção(ões)/lavagem **não eram separadas**, mas formavam parte de uma única celebração: o batismo (o qual compreendia, além disso, uma série de ritos e ações pré e pós-lavagem).

Finalmente, gostaria de recordar o que foi destacado por Edmund Schlink: que todos os ritos e gestos que acompanhavam o núcleo constitutivo do batismo (a lavagem e as palavras ditas sobre a pessoa) procuravam facilitar a compreensão de seu significado²⁹. O problema surgiu quando esses ritos adquiriram “vida própria” e se converteram em algo constitutivo, o que facilitou a ruptura que se produziu na unidade do batismo. A partir desta preocupação, diversos autores propõem devolver ao batismo a unidade, tanto ritual quanto teológica, que ele tinha durante os primeiros séculos da Igreja cristã. Entenda-se o batismo, então, como a unidade entre a lavagem batismal e a imposição de mãos/unção (portanto a confirmação, já que a mesma

von HARNACK, *Die Mission und Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*, p. 351-371, e especialmente p. 372-373. – Sobre o mesmo assunto, cf. Georg KRETSCHMAR, *Die Geschichte des Taufgottesdienstes in der Alten Kirche*, p. 64-66. Creio que o aspecto esboçado nesse ponto merece um trabalho mais detalhado e profundo. Para tanto, considero importante a leitura, p. ex., de Ulrich NEYMEYR, *Die christlichen Lehrer im zweiten Jahrhundert*, Köln: E. J. Brill, 1989, obra a que tive acesso somente após ter concluído o presente artigo.

27 Com relação a este ponto, compartilho a seguinte observação: a edição da Tradição Apostólica de Maria da Glória Novak, *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*, Petrópolis: Vozes, 1971 (Fontes da Catequese 4), estrutura os capítulos em que se fala do batismo como segue: “Os que receberão o batismo”; “A tradição do Santo Batismo”; “A confirmação”; “A primeira eucaristia”. – Na edição de Georg SCHÖLLGEN e Wilhelm GEERLINGS, ao contrário, o texto citado (que Novak coloca sob estes quatro subtítulos) se encontra sob o título “Die Spendung der Heiligen Taufe” (= “A dádiva do santo batismo”). Fica em aberto a pergunta sobre as razões desta diferença.

28 Como foi destacado, isso é o que indicam os diferentes autores. P. ex.: Bruno KLEINHEYER, *Sakramentliche Feiern I*, p. 17; Lukas VISCHER, *Die Geschichte der Konfirmation*, p. 25-26.

29 Edmund SCHLINK, *Die Lehre von der Taufe*, p. 797-800.

se originou a partir dali), celebradas numa mesma ocasião que culmina com a festa da eucaristia³⁰. Conseqüentemente, surge a necessidade de redefinir e renomear a prática pedagógico-pastoral e ritual com adolescentes (a confirmação e os cursinhos de confirmação). Este redimensionamento deveria realizar-se, na minha opinião, no marco de uma teologia e pedagogia batismal e da iniciação cristã que – além das especificidades do trabalho com jovens de 12 a 14 anos de idade – não se restringe exclusivamente a esta faixa etária.

Creio que o exposto até aqui mostra que o tema merece uma revisão detalhada e profunda. Que estas linhas sirvam como impulso e motivação para uma troca de idéias, preocupações e experiências.

Bibliografia

ABROMEIT, H.-J. Konfirmation und Konfirmandenunterricht. In: BURKHARDT; Helmut, SWARAT, Uwe (Hsg.). *Evangelisches Lexikon für Theologie und Gemeinde*. Wuppertal/Zürich: Brockhaus, 1993. v. 2, p. 1148-1151.

BÉRAUDY, R. Die christliche Initiation. In: MARTIMORT, Aimé-Georges (Ed.). *Handbuch der Liturgiewissenschaft II: Die übrigen Sakramente und die Sakramentalien: Die Heiligung der Zeit*. Freiburg/Basel/Wien: Herder, 1965. p. 45-84.

BERGAMINI, Augusto. *Cristo, Festa da Igreja: o ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 265-267.

BRADSHAW, Paul F. *The Search for the Origins of Christian Worship: Sources and Methods for the Study of Early Liturgy*. New York/Oxford: Oxford University, 1992. p. 161-184.

CABIÉ, R. A iniciação cristã. In: MARTIMORT, A. G. *Os sacramentos: a Igreja em oração*. Petrópolis: Vozes, 1984. v. 3.

CHUPUNGO, Anscar J. El bautismo en la Iglesia primitiva y su marco cultural. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Diálogo entre culto y cultura: informes de las consultas internacionales* Cartigny, Suiza, 1993, Hong Kong, 1994. Ginebra: Federación Luterana Mundial-Departamento de Teología y Estudios, 1994. p. 39-56.

GRETHLEIN, Christian. Die Taufe im Gemeindeleben. *Zeitschrift für Gottesdienst und Predigt*, p. 19-21, 1991.

_____. *Gemeindepädagogik*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1994. p.181-199.

HARNACK, Adolf von. *Die Mission und Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. 4. ed. Wiesbaden: Verlags-KG, 1924. p. 332-379.

³⁰ Esta proposta é compartilhada, entre outros, por J. F. WHITE, *Introdução ao culto cristão*, p. 174; E. BRAND, *Batismo: uma perspectiva pastoral*, São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 22-23, e Cristian GRETHLEIN, *Die Taufe im Gemeindeleben*, p. 20.

JILEK, August. *Initiationsfeier und Amt: Ein Beitrag zur Struktur und Theologie der Ämter und des Taufgottesdienstes in der frühen Kirche (Traditio Apostolica, Tertullian, Cyprian)*. Frankfurt am Main: Peter D. Lang, 1979. p. 86-163.

KAVANAGH, Aidan. *Batismo: rito da iniciação cristã: tradição, reformas, perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 1987.

KLEINHEYER, Bruno. *Sakramentliche Feiern I: Die Feiern der Eingliederung in die Kirche*. Regensburg: Friedrich Pustet, 1989. p. 15-97; 191-197.

KRETSCHMAR, Georg. Die Geschichte des Taufgottesdienstes in der alten Kirche. In: MÜLLER, Karl Ferdinand; BLANKENBURG, Walter (Eds.). *Leiturgia: Handbuch des Evangelischen Gottesdienstes*. Kassel-Wilhelmshöhe: Johannes Stauda, 1970. v. 5.

_____. Die Grundstruktur der Taufe. *Jahrbuch für Liturgik und Hymnologie*. Kassel: Johannes Stauda, v. 22, p.1-14, 1978.

_____. Katechumenat/Katechumenen I. In: KRAUSE, Gerhard; MÜLLER, Gerhard (Eds.). *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989. v. 18, p. 1-5.

MAURER, Wilhelm. Geschichte von Firmung und Konfirmation bis zum Ausgang der lutherischen Orthodoxie. In: FRÖR, Kurt (Ed.). *Confirmitio*. München: Evangelischer Presseverband für Bayern, 1959. p. 9-14.

NIEDERWIMMER, Kurt. *Die Didache: erklärt von Kurt Niederwimmer*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. p. 11-15; 158-173. (Kommentar zu den Apostolischen Vätern, 1).

NOCENT, Adrien. Pré-história e primeiros estágios da iniciação (Séc. I-IV). In: NOCENT, A.; SCICOLONE, I.; BROVELLI, F.; CHUPUNGO, A. J. *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 15-39.

PAUL, Eugen. *Geschichte der christlichen Erziehung: Antike und Mittelalter*. Freiburg/Basel/Wien: Herder, 1993. v. 1.

SCHLINK, Edmund. Die Lehre von der Taufe. In: MÜLLER, Karl Ferdinand; BLANKENBURG, Walter (Ed.). *Leiturgia: Handbuch des evangelischen Gottesdienstes*. Kassel-Wilhelmshöhe: Johannes Stauda, 1970. v. 5, p. 641-808.

SCHÖLLGEN, Georg; GEERLINGS, Wilhelm (trad. e intr.). *Didache: Zwölf-Apostel-Lehre. Traditio Apostolica: Apostolische Überlieferung*. 2. ed. Freiburg: Herder, 1992. p.141-313. (Editionsplan "Fontes Christiani", v. 1).

VISCHER, Lukas. *Die Geschichte der Konfirmation: Ein Beitrag zur Diskussion über das Konfirmationsproblem*. Zollikon: Evangelischer Verlag, 1958.

WACHS, Manfredo Carlos. *O ministério da confirmação: contribuição para um método*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998.